

Notas de Pesquisa _____

Alegria na Escola do Trabalhador: um Modelo Pedagógico que Satisfaça o Trabalhador e lhe Proporcione Alegria no Ato de Aprender

Pesquisadora: Ana Shirley de França Moraes

Instituições: Universidad de la Habana (Cuba) e Universidade Estácio de Sá (Unesa/Rio)

Fonte Financiadora: Unesa/Rio

A mudança cultural na instituição escolar é o aspecto primordial para que se crie alegria e satisfação no ato da aprendizagem, realizada pelo trabalhador. Evoca-se aqui a relação da cultura primeira e da cultura elaborada como saída para a transformação desse referencial cultural, tornando-se a síntese de continuidade e de ruptura. Assim, como parte da tese de doutorado *Alegria na Escola do Trabalhador*, estes resultados obtidos através de pesquisa mostrarão de que forma a continuidade e a ruptura devem ocorrer na educação do traba-

lhador, tendo como finalidade transformar a realidade e propiciar o progresso individual e coletivo, através da ação, para a resolução de problemas cotidianos.

Uma pedagogia progressista tem como primeira tarefa a luta contra o fracasso escolar, principalmente das camadas menos favorecidas, dos estratos populares, entre os quais estão os trabalhadores e suas famílias. Atendência é a reprodução da estrutura social (Bourdieu, 1974): o filho de um operário tende no futuro a se manter operário ou, na atual conjuntura

neoliberal global, não ter trabalho formal algum. Essa nova realidade econômico-ideológica do capital motiva ainda mais uma nova proposta pedagógica para o trabalhador, pois a Escola, enquanto instituição social, e até mesmo a empresa, produzindo atividades de formação para o novo mercado, assumem responsabilidades educacionais. A Escola não é o único veículo para transmissão da cultura. A empresa assume para si, também, essa função.

Não se quer discutir aqui benefícios e malefícios de o capital assumir a função da Escola. O que se pretende é demonstrar que, seja de uma forma ou de outra, o trabalhador necessita de um modelo pedagógico progressista que lhe satisfaça, que lhe dê alegria e isso através de uma continuidade cultural de práxis e uma ruptura estabelecida pela cultura elaborada. Como afirma Snyders (1988), a cultura das camadas populares e suas experiências podem não só abolir a insatisfação escolar, ou de aprendizado, como também renovar a Escola com valores culturais imprescindíveis, com a finalidade de maior igualdade de oportunidades; a saber:

"uma cultura que se apóia na cultura e na experiência dos mais explorados pode não apenas excluir da não satisfação e do fracasso essa categoria de alunos, mas levar para toda escola renovada valores culturais insubstituíveis: eles tornar-se-ão parte integrante da satisfação cultural para todos, se é verdade como sustenta o marxismo, que a aquisição social e técnica das massas desempenham um papel motor no avanço histórico de todos".

Assim, a criação desse modelo pedagógico progressista deve estar fundamentado na reunião da cultura da práxis do trabalhador aos elementos progressistas da cultura das outras classes, principalmente das que dominam.

Os trabalhadores, assim como a massa popular, têm necessidades emergentes de que a Escola ou a Empresa, ou qualquer outra instituição educacional, seja lugar de satisfação e satisfação presente, por várias razões que se passa a enumerar:

- os trabalhadores não sentindo satisfação nos estudos, já que não dispõem de atrativos sociais, não havendo disciplina rígida familiar, quan-

to ao valor da escolarização; nem motivação, devido às dificuldades da própria vida, abandonam rapidamente o que não lhes interessa, e a Escola passa a demonstrar que ali não é lugar para eles;

- os trabalhadores vislumbram menos o futuro, pois estão ligados ao atual através das problemáticas da sua existência. Para eles, o importante é o "agora", a solução das suas dificuldades "hoje", não um futuro incerto promissor;

- já que são presas certas das ideologias dominantes, através da mídia, como o rádio e a TV, à medida que pouco participam dos lazeres organizados, os trabalhadores têm necessidade da Escola para satisfação cultural] e poderem, assim, a partir da sua própria experiência e dos recursos culturais fornecidos pela mesma, ultrapassar essas ideologias, com posicionamento criativo-reflexivo;

- os trabalhadores têm poucas chances de vivenciar outras instituições sociais que lhes tragam satisfação cultural: dificilmente têm acesso às instituições de animação cultural, como teatro, cinema, revistas, jornais, etc, com os quais não têm aproxi-

mação por falta de tempo e principalmente, por falta de dinheiro;

- os trabalhadores na sociedade global, do conhecimento, no novo modelo econômico e ideológico neoliberal, que traz subjacente a idéia da Qualidade Total, hoje se vêem ameaçados na continuidade do trabalho e na própria existência do mesmo. Por outro lado, na sociedade capitalista contemporânea, o conhecimento e as habilidades do trabalhador têm valor econômico, cujo ponto central da transformação global está no capital humano (Crawford, 1994), ou seja, nas "pessoas estudadas". Na visão do autor, os seres humanos são parte de um estoque de capital do mundo. Crawford acredita que o principal investimento de uma sociedade devem ser as habilidades e os talentos de sua população. Nesta ótica, a Escola surge como instrumento fundamental para o aprendizado contínuo e permanente do trabalhador. Como afirma Crawford (1994): "O único caminho para os trabalhadores da sociedade do conhecimento manterem suas habilidades e conhecimentos e atuarem efetivamente como capital humano é se comprometendo com um

aprendizado contínuo e vitalício, o que afetará todos os trabalhadores, tanto como indivíduos quanto como empregados ou empregadores";

- por fim, por terem uma vida mais difícil, é particularmente importante que os trabalhadores a compreendam ainda mais, tendo a necessidade, ao mesmo tempo, de admiração e não serem desprezados, excluídos do processo pedagógico.

A cultura do trabalhador é real; é construída nas relações sociais (Frigotto, 1989); dessa forma, de modo algum, a tarefa da escola, ou de qualquer processo de ensino, não é de levar a luz a "ignorantes", pois se sabe que o trabalhador é detentor de uma cultura primeira bastante rica, que, a partir da experiência do trabalho, cria-se um conjunto de sentimentos, idéias e projetos de ação, que constitui a sua cultura (Alves, 1994).

O que ocorre é a desvalorização do trabalho, principalmente do operário e, por isso, da própria classe. Nos grupos de trabalhadores, a técnica situa-se fora da sua cultura, caso a cultura técnica se reduza apenas ao domínio de atividades automáticas.

Contudo, o maior problema é que a escola oferece uma cultura, teórica e elitizada, ao conjunto total de alunos, não relacionada ao mundo do trabalho e acaba, na realidade, colocando-se em oposição a esse mundo, o que justifica o distanciamento e o abismo que se cria entre a teoria e a prática. Assim, a cultura deve considerar os valores positivos do trabalhador, dependendo de que grupo se queira atingir, com o processo de ensino.

No saber empírico do trabalhador, começa a haver a união da teoria e da prática, da inteligência teórica e da inteligência manual (Freire, 1991), que, somada à cultura elaborada dada pela escola, pode, finalmente, realizar essa integração.

A técnica enquanto cultura deve levar à criatividade e à reflexão e, dessa forma, não pode ser dissociada da ciência, contribuindo significativamente para atingir os objetivos a que sempre se propôs a cultura elaborada: "o homem tomando consciência de si próprio, pois o homem não é conhecido apenas pelo que pensa, mas pelo que cria." Assim, a máquina como produto do homem deve constituir

uma força humanística para "responder às demandas do homem." Rati-ficando a proposição, comenta Snyders (1988): "a fábrica sendo um lugar de progresso científico e técnico, os trabalhadores têm a convicção de que ela poderia e deveria ser um lugar de progresso humano; a máquina pode ser dominada, pode ser utilizada não mais para o máximo proveito, mas para responder às demandas do homem."

Entretanto, a convicção do trabalhador não se concretiza. No atual momento econômico e tecnológico, cada vez mais, a máquina, a microeletrônica, ocupam o espaço do homem, e o capital faz o ser humano mais explorado (Machado, 1993).

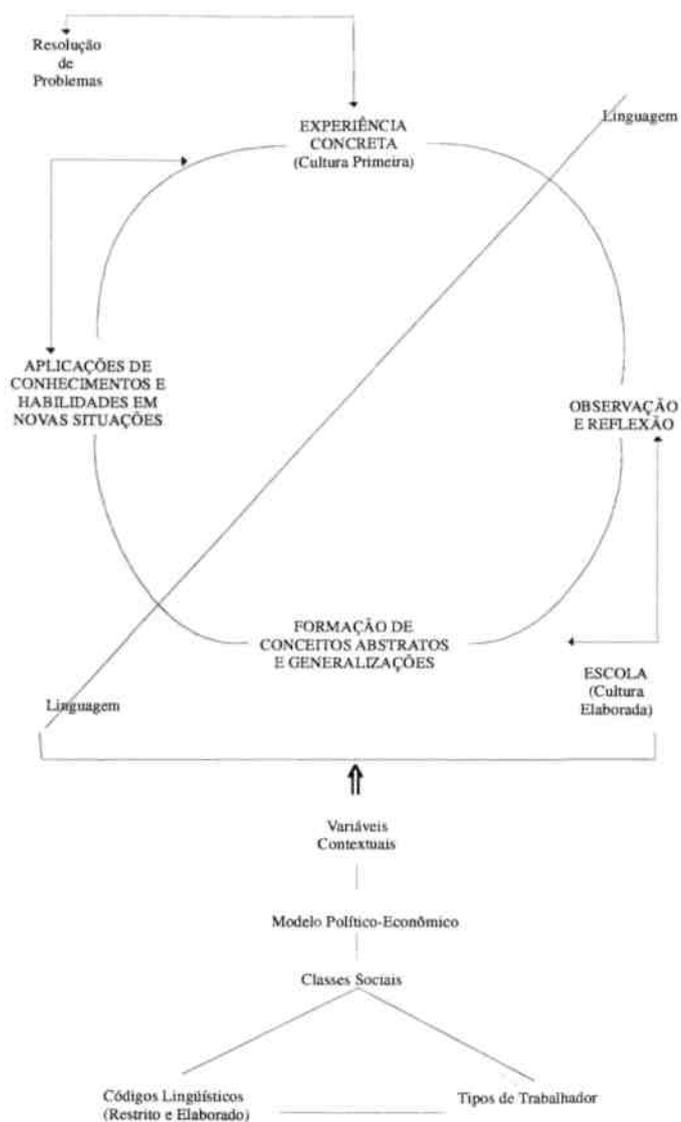
Outro aspecto importante que o ângulo cultural escolar do trabalhador deve levar em conta é a visão de solidariedade de grupo, cujo trabalho tende a fragmentar, através das múltiplas divisões, como, o trabalho especializado, o trabalho de homens e mulheres, o trabalho citadino e o trabalho do campo, o trabalho manual e o trabalho intelectual, etc. Naturalmente a escola da forma que é, tem como efeito acentuar essas separa-

ções. Assim, a cultura escolar do trabalhador deve atentar à questão da solidariedade de grupo (Salm, 1993), pela luta e pela tomada de consciência da comunidade. Como afirma Snyders (1988): "Cada vez que a escola quer desmembrar o grupo por considerar apenas indivíduos, ao mesmo tempo desconhece um dos valores culturais fundamentais (valor que se reencontra em todos os níveis da cultura, em todos os meios, mas que é particularmente promovido pelo movimento popular) - e a ela acrescenta os riscos de fracasso."

Como constata Salm (1993), o grande problema do trabalhador reside no fato de ser visto individualizadamente e não como classe, como grupo organizado para todos os fins, inclusive o educacional.

Isto posto, há de se perceber o duplo papel da escola a desempenhar: apoiar-se numa continuidade da cultura primeira e realizar uma ruptura, através da cultura elaborada, que propicie a reflexão, a criatividade e a transformação da realidade - alcançada por meio da resolução de problemas vivenciados no dia-a-dia pelos trabalhadores.

Gráfico 1 - Ciclo de aprendizagem



Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo : Ars Poetica, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1974.
- CRAWFORD, Richard. *Na era do capital humano*. São Paulo : Atlas, 1994.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo : Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo, BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. São Paulo : Ática, 1991.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MACHADO, Lucília R. S. Controle da qualidade total : uma nova gestão do trabalho, uma nova pedagogia do capital. *Extraclasse em Revista*, Sinpro-MG, v. 2, n. 1, out. 1993.
- SALM, Cláudio. *Escola e trabalho*. São Paulo : Brasiliense, 1980.
- SALM, Cláudio, FOGAÇA, Azuete. *Estudo da competitividade da indústria brasileira : resumo executivo, competitividade, educação e qualificação*. Brasília : Ministério da Educação e Tecnologia (MCT), Finep e Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), 1993.
- SNYDERS, George. *Escola, classe e luta de classes*. Lisboa : Moraes, 1977.
- . *A alegria na escola*. São Paulo : Manole, 1988.